

Recebido em: 24/08/2021
Aprovado em: 17/03/2022
Publicado em: 03/05/2022

[RESENHA]

L'ALTÉRATION DES MONDES

versions de Philip K. Dick de David Lapoujade

Resenhado por

Luiz Carlos Quirino da Silva¹
(luizcabelo1@hotmail.com)

Resumo: O filósofo David Lapoujade discorre sobre a obra do escritor de ficção científica Philip K. Dick. Partindo de uma leitura muito particular, aponta como principal característica de seu universo ficcional o pensamento através de mundos. Mundos pensantes que colocam em questão a realidade dos próprios indivíduos, agora meros coadjuvantes. Em Dick, as fronteiras entre os humanos, as máquinas, os mundos, o sonho e a vigília estão irremediavelmente comprometidas, uma vez que somos confrontados por mundos que operam por meio de um delírio generalizado. Lapoujade nos mostra que o objetivo do autor é questionar o estatuto da realidade mesma.

Palavras-chave: Literatura. Ficção científica. Filosofia. Mundos pensantes. Delírio.

David Lapoujade, professor de Estética nas universidades Paris I e Panthéon-Sorbonne, foi aluno e amigo pessoal do filósofo Gilles Deleuze, além de ter sido o responsável por algumas de suas publicações póstumas. Autor dos livros: *William James. Empirisme et pragmatisme* (2007); *Fictions du pragmatisme. William et Henry James* (2008); *Puissances du temps. Versions de Bergson* (2010); *Deleuze, les mouvements aberrants* (2014) e *Les Existences moindres* (2017).

Os textos do filósofo, e as formulações deles decorrentes, de maneira geral, tomam como ponto de partida a leitura de autores de sua predileção – William James e Henry James, Henri Bergson, Gilles Deleuze ou Étienne Souriau – para, juntamente com eles, produzir interpretações (sobretudo novos usos de suas ideias), cujo traço sobressalente é a originalidade. Movimento que parece se confirmar, uma vez que, no ano de 2021, ele nos apresenta um livro que conduz o leitor por caminhos bastante singulares ao se debruçar sobre a obra do escritor norte-americano de ficção científica Philip K. Dick.

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação e Graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5561391678094943>.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4715-8932>.



No livro, até o momento sem tradução para o português, empreenderá uma reflexão sobre a produção literária de Dick. Entretanto, juntamente com tal empenho, estabelecerá algumas aproximações e distanciamentos entre as principais características de seus escritos e a ficção científica, gênero literário ao qual é usualmente associado. Central, no livro que estamos apresentando, é o argumento de que a ficção científica, principalmente a de Dick, pensa através dos mundos que inventa, distanciando-se, de certa forma, dos romances clássicos, cuja engrenagem principal trabalha a partir da criação de histórias protagonizadas por personagens singulares. Nos romances de ficção científica, sobretudo, no caso dickeano, as personagens tornam-se secundárias, são coadjuvantes do mundo por que circulam. E mesmo a ciência e a tecnologia – diretamente associadas ao gênero – não seriam o componente principal das narrativas, uma vez que estariam a serviço da criação desses mundos.

Lapoujade dirá que – assim como Leibniz, por meio de sua filosofia, pensou o mundo em que vivemos como um lugar habitado por uma infinidade de outros mundos – a ficção científica também explora tal diversidade; quase sempre, contudo, num tom muito mais apocalíptico. Se ela se debruça sobre o progresso tecnológico, comumente o faz associando tais tecnologias à interferência direta sobre os planetas em questão, resultando em visões tanto utópicas quanto distópicas (sendo que estas últimas predominam). Poderíamos dizer que a tecnologia e as personagens servem de substrato para que se produza um tipo de narrativa que pensa por meio desses mundos, através do fluxo informacional que os atravessa. Tais informações, todavia, não carregam mais do que fragmentos, com os quais os indivíduos tentam empreender algum tipo de comunicação, de ligação entre partes isoladas – arriscam, a partir delas, fundar uma visão geral do mundo de que também são apenas uma peça.

Quem sabe por isso, a figura do informante seja uma personagem recorrente em Dick: aquele que é responsável por transportar clandestinamente através das diferentes esferas, dos diferentes mundos, informações relativas a seu estado atual. Sua mercadoria nada mais é do que um mosaico, às vezes desencontrado, a partir do qual se deseja compor um todo, mesmo que permanentemente volátil. “Seus mundos são instáveis, suscetíveis de serem alterados, subvertidos em razão de um evento que neles se infiltra e dissipa a realidade”² (LAPOUJADE, 2021, posição 96, tradução nossa). E aqui temos mais um problema que se abate sobre as construções dickeanos: nunca se pode inferir, com alguma precisão, até que ponto seus mundos são reais ou apenas ilusões. Lapoujade dirá que o problema principal, que percorre a obra do escritor, refere-se ao estatuto da realidade. Tal problema poderia ser resumido na

² “Ses mondes sont instables, susceptibles d’être altérés, renversés à la faveur d’un événement qui en perce et en dissipe la réalité.”

pergunta: o que é a realidade? E apesar da maioria dos comentadores da obra do escritor norte-americano identificarem nessa questão o fio condutor de sua obra, Lapoujade sugerirá que esta é uma afirmação imprecisa, dado que ela não esclarece outra característica igualmente fundamental em suas histórias – a instabilidade, a fragilidade dos mundos por ele criados. Por isso, o questionamento sobre o que é a realidade deveria ser complementado pela pergunta: o que torna seus mundos tão frágeis e mutáveis?

Para Lapoujade, a resposta para tais perguntas talvez pudesse ser procurada num princípio geral – passível de ser convertido em problema geral – que rege os mundos dickianos e o tipo de pensamento deles decorrentes. Na visão do filósofo, tais mundos são regidos pelo delírio. Uma consequência direta dessa leitura é a de que, se o gênero ficção científica é comumente associado a narrativas que pensam as possibilidades do futuro, daquilo que ainda não existe – aproximando-se bastante da concepção de Ricardo Piglia sobre a posição ocupada pela literatura de uma maneira geral: “A escrita ficcional instala-se sempre no futuro, trabalha com o que ainda não é. Constrói o novo com os restos do presente.” (2001, p. 9, tradução nossa) –, tal pensamento terá igualmente um caráter delirante. Condição de um pensamento que transporta forças incontroláveis, pois a energia motriz do delírio, segundo Lapoujade, são superiores àquelas da imaginação “[...] porque fazem a própria noção de realidade vacilar”³ (2021, posição 147, tradução nossa). Potência inseparável de um elevado grau de risco, uma vez que, assim como nos abre possibilidades de condução do pensamento por caminhos imprevisíveis, pode igualmente conduzir à loucura, à aniquilação do próprio pensamento. Contudo, Lapoujade, ao ler Dick, provavelmente tinha em mente a noção deleuziana de delírio, uma vez que este associa a abertura de possibilidades realizada pelo delírio em literatura a certa “[...] medida de saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura” (DELEUZE, 2011, p. 15). Por isso, tal risco, parece-nos, uma condição incontornável quando se almeja pensar algo inédito.

A ficção científica, dirá Lapoujade, converte tal delírio em motor, em mecanismo proliferador de mundos e histórias – mesmo que estas sejam, num primeiro contato, regidas pela irracionalidade, uma vez que, nesse gênero literário, é comum entrarmos em contato com realidades regidas por regras próprias. “Mesmo objetos comuns são desbloqueados e não se comportam mais como deveriam.”⁴ (LAPOUJADE, 2021, posição 147, tradução nossa). Mas isso não se apresenta como um problema intransponível, pois, na ficção científica, o

³ “[...] parce qu’elles font vaciller la notion même de réalité.”

⁴ “Même les objets courants débloquent et ne se comportent plus comme ils devraient.”

mundo onde os acontecimentos se desenrolam é apenas mais um entre os muitos possíveis. Além disso, nunca poderemos aferir, com a mínima segurança, o grau de realidade entre eles.

Contudo, uma vez que já sabemos que as histórias dickeanas pensam através de mundos engendrados pelo delírio, cabe-nos perguntar, seguindo a leitura de David Lapoujade, como opera, ou como se apresenta esta força. Com o filósofo, aprendemos que o delirante é um sujeito cindido, com quem dividimos o espaço comum da realidade, mas preso às suas alucinações (partícipe apartado). Sua força (criadora), por outro lado, está menos no espaço por ele ocupado do que na convicção com que defende suas ideias, mesmo as mais alucinadas. “Assim concebido, o delírio é de fato definido como uma criação de mundo, mas de um mundo privado, «subjectivo», solipsista, ao qual nada corresponde no mundo «real», a não ser os elementos que «fazem signo» para o delírio.”⁵ (LAPOUJADE, 2021, posição 173, tradução nossa). Disso decorre – por tomar emprestados, para a construção de seus mundos, apenas elementos específicos que correspondam, de alguma maneira, à operação delirante empreendida – não ser incomum assumir o mundo real e objetivo como algo ilusório ou falso.

Ao ser confrontado com um mundo exterior que contradiga suas fantasias, o delirante terá de lidar com uma realidade paradoxal. Se, por um lado, ele acata parcialmente as regras do jogo socialmente compartilhadas, por outro, ele joga sem nunca deixar de desconfiar delas; jamais se submetendo completamente a elas. Aqui reside a diferença entre as perspectivas do psiquiatra e do delirante, sugeridas por Lapoujade: o primeiro trabalha pra reestabelecer os parâmetros da realidade, o segundo direciona seus esforços para o questionamento do estatuto da realidade. O psiquiatra pretende fazer valer sua autoridade através do princípio da realidade e suas restrições. O delirante almeja fazer uso das potências indomáveis do falso por meio de seus delírios.

Nos anos 1970, Philip K. Dick conheceu, ele mesmo, episódios delirantes e alucinatórios combinados a experiências de caráter místico. Talvez tenha se aproximado de tais práticas pelo fato de a religião ter sido a primeira a inventar outros mundos, criaturas inumanas e distintas temporalidades. “Ele passa por uma sucessão de experiências semelhantes em todos os sentidos àquelas pelas quais passam seus personagens: a realidade de seu mundo se dissipa e outro mundo aparece...”⁶ (LAPOUJADE, 2021, posição 201, tradução nossa). Ele mesmo experimenta a dissolução das fronteiras, entre o Eu e o mundo, descritas em suas histórias. Já que, nelas, não apenas as personagens vivenciam uma existência delirante – o próprio mundo

⁵ “Ainsi conçu, le délire se définit bien comme une création de monde, mais d’un monde privé, « subjectif », solipsiste auquel rien ne correspond dans le monde « réel », à part les éléments qui « font signe » en direction du délire.”

⁶ “Il traverse une succession d’expériences en tous points semblables à celles qu’il fait subir à ses personnages : la réalité de son monde se dissipe et laisse apparaître un autre monde...”

reproduz certa psicologia insubmissa, sendo afetado por acontecimentos incompreensíveis, obscuros, como se as leis que regem a natureza tivessem sido suspensas e a distinção entre sujeito e objeto já não fizesse mais sentido.

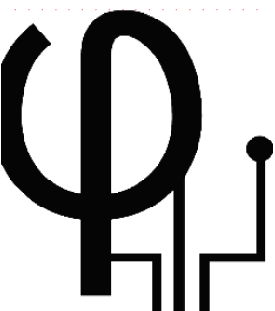
Consequentemente, isto que poderíamos chamar (de maneira bastante imprecisa em Dick) de “realidade” nada mais é do que um tipo de interface que faz passar informações, que não possui uma configuração prévia, uma vez que depende dos encontros, das afecções que sofre e que inflige, lembrando um pouco a teoria dos afetos spinozista (SPINOZA, 2017). Nesse sentido, não poderíamos nos referir ao mundo como “O mundo”, sendo possuidor de uma identidade fixa e objetiva. A realidade é tratada como o centro de convergência dos inúmeros pontos de vista habitantes de determinado mundo. Tudo se torna uma questão de perspectiva: já não estamos diante de um universo ficcional, mas de um pluriverso. A literatura dickeana nos é apresentada, por Lapoujade, como uma máquina de proliferação de mundos. E se o filósofo francês afirma que Dick pensa através de mundos, isto talvez se deva à maneira como seus enredos comumente se desenrolam. Neles, a reiterada guerra entre os mundos confunde-se com uma “guerra psíquica”⁷, já que estamos em meio a uma luta entre perspectivas. Cada psique empreende uma batalha contra as outras na tentativa de impor a realidade de seu mundo. O espaço social é o local de disputa pela definição dessa realidade, dos muitos mundos possíveis. “Quando uma personagem percebe que não está mais no «seu» mundo, porque algo anormal está acontecendo ali, isto é um sinal de que outra psique penetrou em seu mundo e está alterando sua organização.”⁸ (LAPOUJADE, 2021, posição 362, tradução nossa). As narrativas dickeanas são movimentadas por essa violência que, a qualquer momento, pode tirar os indivíduos de seu mundo conhecido e os lançar em outro totalmente desconhecido, cuja realidade é questionável, pois obedece a leis anômalas. Por essa razão, vemos proliferar sujeitos deslocados, irremediavelmente desterritorializados – vítimas de um colapso individual que se confunde com os colapsos do mundo e da psique. “Não é preciso explorar as galáxias para encontrar extraterrestres. Os humanos são – literalmente – extraterrestres.”⁹ (LAPOUJADE, 2021, posição 410, tradução nossa).

O colapso de um mundo (a perda das feições que lhe conferem identidade) é precedido por alguns sinais, o principal deles talvez seja a ruptura com as categorias que regiam

⁷ “guerre des psychismes”

⁸ “Lorsqu’un personnage se rend compte qu’il n’est plus dans « son » monde parce qu’il s’y passe quelque chose d’anormal, c’est le signe qu’un autre psychisme a fait irruption dans son monde et en altère l’organisation.”

⁹ “Il n’est pas nécessaire d’explorer les galaxies pour rencontrer des extraterrestres. Les hommes sont — littéralement — des extraterrestres.”



anteriormente determinada realidade. Ao contrário de muitos autores de ficção científica, cujos mundos são conduzidos por certa causalidade, Dick trata de se desprender do determinismo da realidade histórica. O destino dos mundos, retratados em suas narrativas, é orientado por uma aleatoriedade inspirada na teoria dos jogos. Muito mais do que por leis conhecidas, a que está submetido o mundo físico, os mundos dickeanos respondem a psiques inconstantes bastante parecidas com a dos humanos. Por isso Lapoujade sugerirá que o autor é, num certo sentido, eminentemente idealista. Entretanto, aqui, o idealismo também pode ser um sinônimo para a paranoia constituinte de seus universos.

Outro ponto a ser destacado é que, nas histórias de Dick, não se pode garantir que o Eu não esteja sob influência de alguma força a ele exterior, extraterrestre ou mesmo paranormal. De alguma forma, o escritor inverte a relação com o Eu cartesiano. Enquanto, em Descartes, o Eu é uma experiência de independência com relação ao mundo – ou seja: é preciso suspender a relação com o mundo para melhor apreender a existência do Eu –, Dick inverte os termos da questão, uma vez que, para ele, o mundo é quem confere substancialidade ao Eu num tipo de correlação direta. Ambas as existências estão interligadas e afetam-se mutuamente. O desaparecimento de um mundo é sempre resultado de perturbações psíquicas dos indivíduos. Mas, muito mais do que mentais, tais desordens são de ordem cerebral. Porquanto, para Dick, cada hemisfério do cérebro comanda diferentes tipos de operações: ao esquerdo caberia o processamento das relações numéricas e digitais, calculáveis e linguísticas; o direito seria responsável pelas conexões analógicas dos conglomerados paralinguísticos. O problema de suas personagens, em geral, é o de não conseguir integrar essas duas esferas operatórias num todo minimamente coerente. O delírio se apresenta então como uma tentativa desesperada de integração e de solução de tal cisão psicológica derivada da cerebral.

Ao mesmo tempo, o Eu, nas histórias dickeanas, está sempre em busca de uma unidade, que é impossível e não possui substancialidade. Mesmo a realidade histórica (regida pela fragmentação) se confunde inextrincavelmente com a do Eu. As personagens nunca sabem em que medida suas memórias são realmente pessoais ou implantadas de maneira furtiva (às vezes com consentimento), como se vivessem sob a ameaça de serem separadas de alguma parte de si mesmas e transformadas em algo inumano. Então, paralelamente à pergunta sobre o estatuto da realidade, teríamos uma segunda questão: o que é o humano, a humanidade? “Descartes remete o «Eu penso» a uma «coisa pensante», que seja. Mas de que natureza é esta coisa?

Homem ou máquina?”¹⁰ (LAPOUJADE, 2021, posição 752, tradução nossa). Para o

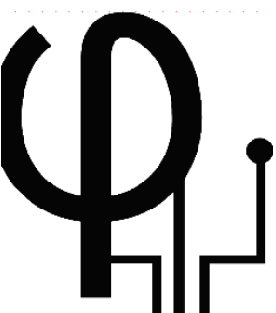
¹⁰ “Descartes renvoie le « Je pense » à une « chose pensante », soit. Mais de quelle nature est cette chose ? Homme ou machine ?”

escritor norte-americano, o perigo é menos o das máquinas substituírem os humanos, mas eles mesmos se transformarem em máquinas. Visto que pensar não é um privilégio humano – os robôs podem fazer isso com facilidade. As personagens dickeanas, além disso, encontram-se sempre diante de um risco duplo: da desintegração da causalidade dos fatos, da história e do esfacelamento do princípio de identidade. O problema é desencadeado por uma avaria, constitutiva do próprio cérebro, que se expande contaminando a realidade como um todo, tanto os indivíduos quanto seus mundos, ameaçando-os com a perda da realidade, da humanidade, ou seja, ameaçando-os com a loucura.

As fronteiras são sempre incertas. O delírio de uma personagem pode ser compartilhado com outras, um mundo perfeitamente realista em seu funcionamento pode ser fruto de delírio. Na maioria das vezes, não podemos distinguir facilmente. Lapoujade identificará nisso uma característica importante das histórias de Dick, pois essa indecisão é proposital, o escritor se oporá à distinção clara entre os mundos, realidades, esferas etc. Aqui talvez possamos retomar a ideia principal do livro que estamos resenhando, a de que essa mobilidade das fronteiras não é acidental, porquanto reside nela o pensamento através de mundos da ficção científica dickeana, da invenção deles, da interferência de uns sobre os outros. Étienne Souriau – a quem Lapoujade também já dedicara um livro – dirá que a existência caracteriza-se pelas sinapses estabelecidas. Não está no ser humano, no mundo ou no conjunto formado por eles, mas na articulação, na ligação mesma entre as partes (SOURIAU, 2020).

Nesse sentido, Dick se aproximaria bastante do gênero fantástico, pelo menos na forma de tratamento dos mundos: enquanto a ficção científica cria uma diversidade deles, o fantástico propicia a experiência de sua colisão. A ficção científica inventa mundos assentados sobre determinada racionalidade; o fantástico, por sua vez, produz mundos onde se é confrontado continuamente com elementos irracionais, que operam de maneira anômala, justamente por causa dessa sobreposição – fator de perturbação das leis disso que convencionamos chamar de real, de supressão de suas fronteiras. O fantástico circula e produz seus efeitos justamente a partir desse entrelugar pouco preciso. Assim como já não distinguimos a realidade ou a irrealidade dos mundos, não conseguimos separar com clareza os estados de vigília e os de sonho. No fantástico, as sinapses, responsáveis pelas existências múltiplas (como sugere Souriau), entram em delírio. E o próprio mundo delira.

Daí a facilidade com que os mundos colapsam, sobrepõem-se ou bifurcam, assumindo um estado de irrealidade oscilante, onde as categorias de julgamento estão temporariamente suspensas: “[...] o fantástico está muito menos voltado para o sonho ou ao onirismo do que para a loucura e seus perigos. O problema de Dick não é o sonho, mas



o delírio e sua psicose subjacente”¹¹ (LAPOUJADE, 2021, posição 976, tradução nossa). Sob o domínio do delírio e regido pela arbitrariedade, o julgamento perde sua autoridade e a realidade mesma está ameaçada. Estamos diante de mundos, mais do que deformados, antes, informais – onde as individualidades vacilam e realidades incompatíveis estabelecem comunicação e se sobrepõem. Daí a marca fantástica de mundos pré-individuais, que conseguem abrigar uma infinidade de mundos, todos com o mesmo grau de realidade (ou irrealidade). Dick aprecia esse caos e tudo aquilo que dele pode emergir, avizinhandose assim da ideia de “disjunção inclusiva”¹² deleuzeana e da de “metaestabilidade”¹³ simondoneana (LAPOUJADE, 2021, posição 1018, tradução nossa); ou seja, do que é composto por elementos diferenciais, diferenciantes e aparentemente incompatíveis, de estabilidade frágil.

O mundo (ou os mundos) e a realidade (ou as realidades), em Dick, são efeitos de uma espécie de psiquismo compartilhado. Como se a realidade dos mundos fosse, de alguma maneira, uma realidade mental. Por essa razão, as personagens, a partir de seu delírio particular, podem entrar num confronto pelo estabelecimento da realidade ou ilusão dos mundos de que participam. Estes, por sua vez, não têm realidade independente das psiques que os pensam e emprestam a eles alguma concretude. A relação seria menos de sujeitos com o mundo do que de transmissões e recepções. E se existe algo como um Deus, ele é o responsável por uma incomensurável transmissão televisiva, que repassa informações sobre o estado das coisas e as direções a serem seguidas. Não existe livre-arbítrio ou realidade independente. O mundo que habitamos nada mais é do que o ponto de conexão, cruzamento e bifurcação (de uma interface) de um complexo sistema de comunicação. Existir se confunde com o transporte de informação pelos indivíduos (recepção, decodificação e transmissão). Disso decorre a sensação de “desmaterialização”¹⁴ (LAPOUJADE, 2021, posição 1419, tradução nossa) experimentada pelas personagens. Desmaterialização, ou rematerialização numérica, algorítmica, ou seja, sobre uma base impalpável, abstrata – comunicação, artifício, artificialismo. “Este é o grande princípio analógico da teoria da informação: materiais, vidas, pensamentos, máquinas são concebidos do ponto de vista da informação que recebem e transmitem.”¹⁵ (LAPOUJADE, 2021, posição 1438, tradução nossa). A produção literária de Dick converte, de certa forma, a cibernética e a teoria da informação num novo tipo de metafísica destinada a descrever e, em

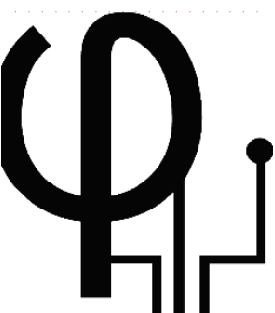
¹¹ “[...] le fantastique est beaucoup moins tourné vers le rêve ou l’*onirisme* que vers la folie et ses dangers. Le problème de Dick n’est pas le rêve, mais bien le délire et sa *psychose sous-jacente*.”

¹² “Disjonction incluse”.

¹³ “*Métastabilité*”.

¹⁴ “*Dématérialisation*”.

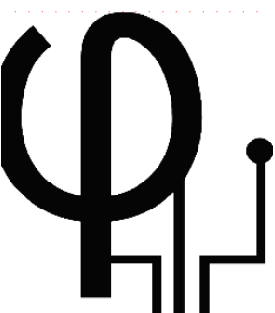
¹⁵ “C’est le grand principe analogique de la théorie de l’information : matières, vies, pensées, machines sont conçues du point de vue des informations qu’elles reçoivent et transmettent.”



alguma medida, questionar a configuração da realidade. A mecanização, androidização e a digitalização dos humanos parecem obedecer ao primado desta nova metafísica. Por isso a realidade unívoca é impossível, pois é produzida (inventada, pensada) por meio da multiplicação de mundos artificiais, que têm como objetivo controlar os psiquismos que os pensam. A literatura dickeana pensa, por meio de mundos, formas de libertar os humanos deste sonho em que estão presos. Para isso propõe certa dose de delírio.

Lapoujade vê, em tal procedimento ficcional, a possibilidade de pensarmos a realidade contemporânea – mediada por dispositivos informacionais e eletrônicos diversos – e possíveis alternativas a ela. Entretanto, ao contrário do que algum leitor desavisado poderia esperar, não indica nenhuma forma concreta de ação. Oferece-nos muito mais uma espécie de taxonomia crítica das máquinas e da informação convertidas num novo tipo de metafísica. Ou seja, paradoxalmente usa a ficção de Dick para criticar a desmaterialização do nosso mundo. Cabendo a cada um utilizar tais ideias como bem entender.

Por fim, acreditamos que o livro de Lapoujade destina-se a todos que se interessam por ficção científica, crítica literária ou filosofia. Mas principalmente àqueles que procuram novas maneiras de pensar o futuro.



REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *A literatura e a vida*. In: *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 11–17.
- LAPOUJADE, David. *L'altération des mondes*. Versions de Philip K. Dick. Paris. Les Éditions de Minuit: 2021. E-book Kindle.
- PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2001.
- SOURIAU, Étienne. *Os diferentes modos de existência*. Trad. Walter Romero Menom Júnior. São Paulo: Editora n-1, 2020.
- SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

